

Entre a Antiguidade e a Idade Média: Venâncio Fortunato, um escritor de fronteira na Gália Merovíngia.

Prof. Me. João Paulo Charrone (Professor da UFPI)
Doutorando em História Medieval Pela UFF,
sob orientação do Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos.
jcharrone@yahoo.com.br

Resumo:

Vamos tratar aqui de um indivíduo no mundo da fronteira: do espaço e do tempo, mundo este que possui apanágios fascinantes, pois evidencia duas esferas distintas. Aquele que ainda não se foi totalmente, mas cujo término não oferece qualquer dúvida; e aquele que ainda não chegou definitivamente, porém, já é possível vê-lo sem muita clareza. Assim o mundo de fronteira constitui-se em uma área de incertezas e de ambiguidades. No entanto, há nestas áreas algo ou alguém em que se pode confiar, conhecedor de boa parte de tudo que foi consolidado no passado, ao longo da história, que se encontra no momento exato e no lugar adequado para poder deixar suas obras como testemunho para as gerações futuras. Foi o caso da literatura latina e da poesia latina, visto que trataremos de um intelectual que caminhou por estes dois âmbitos, especialmente o segundo, indivíduo este chamado *Venantius Honorius Clementianus Fortunatus*.

Palavras-chave: Venâncio Fortunato; Reino Franco; Cultura Erudita.

Abstract:

In this work we shall deal with the individual in a frontier world, be it either of time or space, a world possessing fascinating prerogatives due to its two distinct spheres: that sphere of the one not yet gone, but whose end is unquestionably near; the sphere of the one not yet arrived, but that can already be dimly seen. Thus, we see the frontier world as an area of uncertainties and ambiguities. However, there are in these areas something or someone that can be considered trustful, a repository of a good portion of whatever was consolidated in the past, one positioned in the exact moment and place to successfully leave its works as heritage for future generations. Such was the case of Latin Literature and Poetry, and we will examine an individual who walked on both these paths, more so in the second one, the man called *Venantius Honorius Clementianus Fortunatus*.

Keywords: Venantius Fortunatus; Frankish Kingdom; Higher Culture

Nosso objetivo neste artigo não é proporcionar um exaustivo relato da carreira do poeta, muito menos um completo esboço biográfico, mas sim discutir criticamente alguns assuntos que consideramos chave dentro de nossas propostas e dos relatos da carreira de Venâncio Fortunato, um intelectual do sexto século, que deixou a Itália para buscar a hospitalidade e a patronagem dos reis e bispos da Gália. Para tal tarefa tomaremos como base, principalmente, os elementos encontrados em seus poemas, buscando abranger as mais importantes etapas de sua carreira, tanto antes de sua chegada ao reino franco, quanto durante os muitos anos em que permaneceu em sua adotada Gália.

Sobre as informações referentes à biografia de Venâncio Fortunato, segundo F. Pejenaute (2002, p 387-401), entre outros autores, podemos encontrá-las no próprio autor, como por exemplo, na *Vita S. Martini*¹, na qual Venâncio Fortunato comenta sobre sua educação em Ravena (VM, I.29-30). Uma segunda fonte de informação é obtida nas diversas passagens da obra de Gregório de Tours (538-594), como veremos mais adiante; e, finalmente, Paulo Diácono (720 – 799) que deixou uma sucinta biografia sobre Venâncio Fortunato (PAULO DIÁCONO, 1878.), - porém recolhendo os dados mais notáveis de sua vida –, aproximadamente duzentos anos após sua morte (GEORGE, 1992.).

A data de nascimento de Venâncio Fortunato nos é desconhecida, parecendo mais seguro apontar que esta teve lugar na década de 530 (PEJENAUTE, 2002, p 388.). Contudo, Venâncio Fortunato nos relata que nasceu em Duplavis (VM, 4.668f) (a moderna Valdobbiadene), urbe próxima a Tarvisium (Treviso), na região Norte da atual Itália. De sua família praticamente não sabemos quase nada, visto que o poeta não nos oferece detalhes precisos de sua ligação familiar. Neste âmbito, ele menciona brevemente, nos seus *Carmina* (XI,6.8), o nome de uma irmã, Titiana: “...*minha irmã por nascimento, Titiana..*”. Temos também notícias da existência de um irmão e sobrinhos, porém sem nomeá-los (VM 4.670-71).

Passou toda a sua infância em um ambiente rodeado de lutas e revoltas impulsionadas pelo general Belisário, representante do Imperador Justiniano (527-565), contra os Ostrogodos, em suas tentativas de reconquistar a Itália para o Império Romano Oriental. Dessa forma, percebemos que a década de 530 foi certamente um período de grande sofrimento e desordem no Norte da Itália². Entretanto, apesar de todo o ambiente descrito acima, Venâncio Fortunato não faz nenhuma referência a tais fatos.

D. Tardi (1927, p. 27. *Apud*: BRENNAN, 1985b, p. 51.) e F. Pejenaute (2002, p. 388) sustentam a ideia de que a família de Venâncio Fortunato, talvez devido ao estado de insegurança na área, refugiou-se em uma região mais tranquila, mudando-se para Aquiléia, local, no qual, Venâncio Fortunato permaneceu provavelmente até por volta de vinte e dois anos. Contudo, não encontramos nada em suas obras sobre sua família ter se refugiado nesta região; o certo é que o poeta tinha um contato naquela cidade, o bispo Paulo (BRENNAN, 1985b, p. 51). Este, segundo o próprio Venâncio Fortunato, foi o primeiro a lhe sugerir a vida religiosa (VM, 4.658-62). Não provando de fato que a

família de Venâncio Fortunato realmente viveu ali, o máximo que podemos assegurar é que o poeta pode ter visitado aquela urbe³.

O que podemos afirmar seguramente, com base em seus relatos, é que Venâncio Fortunato se mudou para Ravena, que, devido às iniciativas proporcionadas por Teodorico (490-526), havia se tornado um centro de excelência cultural [algumas décadas antes de Venâncio Fortunato ali haviam deixado suas marcas autores renomados, como Cassiodoro (490-580) e Boécio (480-524)]. Ele nos conta que ali estudou gramática, retórica, métrica e direito (VM, 1.34-39). Fica claro, portanto, que sua educação o preparou tanto para uma carreira na área do direito quanto na área de letras, optando pela segunda. Assim, percebemos que, na Itália, ao contrário da Gália, Espanha e África, as escolas públicas continuaram a existir mesmo sob o domínio godo, contudo não sobreviveram à invasão lombarda (LOT, 2006, p 237.).

Baseado no “índice” redigido por M. Manitius para a edição de Venâncio Fortunato, realizada por F. Leo (MGH, AA , 4.1), F. Pejenaute (2002, p 384) informa-nos sobre todas as referências realizadas por Venâncio Fortunato aos poetas clássicos. Assim, encontramos distribuídas ao longo de suas obras cento e quatro referências de Virgílio, sessenta e seis de Ovídio, trinta de Claudiano, dez de Horácio, oito de Lucano e uma de Catulo, Estácio, Silio Itálico, Petrônio e Marcial. Foi com esse substancial conteúdo de cultura clássica que Venâncio Fortunato partiu rumo à Gália dos merovíngios.

No entanto, ainda em Ravena, Venâncio Fortunato deu uma pequena amostra de sua produção literária, que pode ser encontrada nos dois primeiros poemas do livro I de seus *Carmina*. O primeiro foi dedicado ao bispo Vitalis⁴, em honra de um “lugar digno” e foi entregue diante de um notório público durante a consagração da igreja recém construída. Já o segundo foi criado para comemorar a construção da igreja de santo André. O poema foi afixado na parede desta igreja como um memorial para o doador (BRENNAN, 1985b, p. 53). Sua estadia na culta Ravena estendeu-se até o ano de 565, quando começou sua longa viagem, tanto em espaço quanto em tempo, pelo território da Gália merovíngia, onde permaneceu até a sua morte, quase quarenta anos depois de sua partida.

Acreditamos que será pertinente fornecermos uma rápida pincelada sobre os principais pontos do quadro histórico em que se encontrou Venâncio Fortunato ao chegar na Gália merovíngia. No âmbito administrativo e político, o reino estava nas mãos da terceira geração (veja a genealogia da família real merovíngia nos anexos), ou seja, os netos de Clóvis (480-511) e filhos de Clotário (511-561): Clariberto I (561-567), Gontrão (561-593), Sigiberto (561-575) e Chilperico (561-584). Desses, o primeiro que saiu de cena foi Clariberto I, que teve sua herança assenhoreada pelos irmãos Sigiberto e Chilperico. Assim, enquanto Sigiberto se constituiu como rei da *Francia Rhinensis* (futuramente conhecida como Austrásia)⁵, Chilperico constituiu-se como rei da futura região conhecida como Nêustria⁶ e Gontrão constituiu-se como rei da Burgúndia

Na primavera de 566, após atravessar os Alpes, Venâncio Fortunato chegou à corte austrasiana em Metz, na época da realização do casamento do rei franco Sigiberto com a

princesa visigoda Brunilda, filha do rei Atanagildo. Ali diante dos dignitários da corte, o poeta cantou um *Epithalamium*⁷ e um breve panegírico⁸. Acreditamos que pelo matrimônio, provavelmente Sigiberto procurava concretizar uma aliança comercial e militar com a Hispânia visigótica.

O referido poema foi importantíssimo para Venâncio Fortunato, pois com ele o poeta chamou a atenção da escola merovíngia, tanto franca quanto galo-romana, assentando parte da base de sua subsequente reputação na Gália (BRENNAN, 1984, p 1). É importante frisar que o aparecimento do poema na Gália, em 566, proporciona a primeira data segura de sua carreira (BRENNAN, 1985b, p 54; PEJENAUTE, 2004a, p. 194.). Por outro lado, esse fato sugere uma segunda questão: o que levou o poeta a abandonar sua terra natal e buscar proteção na Gália? Existem vários estudos⁹ que apontam os motivos que fizeram Venâncio Fortunato deixar uma sociedade erudita e cortesã para penetrar em uma região germânica. O problema torna-se ainda mais complicado porque, baseando-se nas informações retiradas dos trabalhos do próprio autor, encontramos duas versões diferentes que motivaram sua jornada. Na carta para Gregório de Tours, que forma o prefácio da primeira coleção de seus poemas (livros 1 a 7), Venâncio Fortunato retrata-se como o novo *Orpheus*. Desse modo, sua jornada seria motivada por uma série de aventuras que o levaram as mais remotas áreas. Contudo, no final da *VM* (*VM*, IV 665-710.), bem como dois séculos mais tarde na biografia supracitada desse poeta, elaborada por Paulo Diácono (MGH, SRL,1878), o que teria motivado o poeta a abandonar a Itália foi uma peregrinação à basílica de Tours, em agradecimento por ter-se curado de uma oftalmia no altar de São Martinho, na basílica de São Apolinário, em Ravena.

Porém, dentre todas as possibilidades, acreditamos que parece mais coerente a hipótese apresentada por B. Brenann (1985b, p 56-58). Para esse pesquisador, quando Venâncio Fortunato entrou na Gália seu primeiro destino era Metz, pois viu no casamento real uma oportunidade que o atraiu para a região Norte. Essa hipótese ganha solidez se pensarmos que poderia haver uma proteção já estabelecida, direta ou indiretamente, pelo rei Sigiberto ao poeta, em prévios contatos anteriores à sua viagem.

Tais circunstâncias encaixam-se com o fato de que, desde o momento em que o viajante entrou nos domínios do rei da Austrásia, viu-se acompanhado, por ordem do próprio rei, pelo conde Sigoaldo, que não só acompanhou o poeta até a corte de Metz, mas também forneceu tudo quanto fora necessário para tornar a viagem mais cômoda e segura (PEJENAUTE, 2004a, p 191). Assim, um capacitado poeta, ansioso por adquirir reputação, pode bem ter percebido que as oportunidades eram grandes na corte de uma dinastia germânica, ansiosa para adotar uma aparência ao estilo romano que havia em Ravena.

Porém, essa possibilidade levanta outra questão: como Venâncio Fortunato tomou contato com a corte austrasiana? Uma possibilidade, ainda não completamente explorada, era que Venâncio Fortunato pode ter ouvido falar sobre ela ou até mesmo sobre os planos do casamento real em círculos episcopais, uma vez que o poeta tinha amigos entre os bispos da Itália e seus primeiros contatos na Gália foram com os bispos

Sidonius, em Mainz; Nicetius, em Trier; e Vilicus em Metz (BRENNAN, 1985b, p. 57). Deste modo, acreditamos que havia uma ligação entre qualquer um ou todos aqueles bispos com seus correlativos italianos. Dessa forma, sua chegada à corte de Sigiberto foi fruto dos contatos episcopais entre essas duas regiões (COATES, 2000, p. 1112).

O bispo italiano mais provável que teria tido contato com o episcopado franco e, talvez, com o próprio Nicetius, ou foi o bispo Vitalis de Altinum ou o bispo Rufus de Turin (COATES, 2000, p. 1112). Desse modo pode ter sido através de Vitalis ou Rufus que o poeta ouviu sobre o território dos francos e de Nicetius e, provavelmente, até sobre o casamento na corte austrasiana. Assim, utilizando-se dos seus contatos episcopais, é possível que Venâncio Fortunato tenha partido para a Gália com uma carta de recomendação (GEORGE, 1995, p. xix.).

Como já indicamos, sua apresentação como poeta realizou-se nas bodas de Sigiberto e Brunilda com um panegírico, todo enfeitado com retórica. Os seus primeiros poemas no Norte da Gália mostram que ele foi festejado e entreteve tanto a corte de oficiais quanto os bispos daquela região. Entre os oficiais, temos menção, por parte do poeta, de Sigoaldo, para quem Sigiberto deu a tarefa de cuidar do poeta quando ele chegou à Gália (X, 16,1-2); a Gogo (VII, 1,35-36 e VII, 2, 3-4); e Lupus (VII,7.19-22)¹⁰. M. Reydellet (1981, p. 313) acredita que esses funcionários reais foram os primeiros informantes sobre os grandes personagens da corte e dos objetivos de Sigiberto, uma vez que o poeta era um estrangeiro e tudo o que sabia sobre a história merovíngia era o que havia chegado à Itália do Norte, provavelmente muito pouco.

Entre os bispos, temos menção de Egidio de Reims, Agerico de Verdun e Casentinus de Colônia. Notamos que o poeta desfrutou da hospitalidade de ambos os grupos, tanto o laico quanto o eclesiástico. Também percebemos tanto pelos poemas quanto pelas hagiografias, que Venâncio Fortunato tinha absoluta consciência que a *nobilitas* senatorial não era constituída unicamente pela aristocracia galo-romana. Paralelamente a eles ou interligados a eles estava a nobreza franca (BRENNAN, 1985a, p. 155; COATES, 2000, p. 1117-8). Por meio de suas viagens e poemas, veremos mais adiante que ele atuou também como um ponto de contato entre o Império Bizantino e o mundo germânico dos francos na Gália (BRENNAN, 1995, p. 7).

Apesar de sua aparente popularidade, não há nenhuma evidência de que Venâncio Fortunato fora recompensado por Sigiberto ou, até mesmo, por qualquer oficial, continuando a manter sua posição na corte, como poeta ou panegirista. Dessa forma, Venâncio Fortunato pode ter previsto uma melhor possibilidade em outra corte.

Uma mudança da corte de Sigiberto para a de Clariberto de Paris foi assinalada pelo panegírico *De Chariberctho Rege (Carmina VI,2)*¹¹, que provavelmente foi entregue diante do rei e dos notáveis da corte de Paris. Circulando primeiramente na corte de Metz e depois em Paris, Venâncio Fortunato apresentou em suas obras uma imagem daquilo que ele acreditava que os reis merovíngios estavam desejando sobre seu sistema político: uma vaga sensação da Antiguidade romana. Com cores próprias, o poeta caracterizou os reis como os legítimos herdeiros de um passado glorioso e como os protetores dos cristãos ortodoxos (BRENNAN, 1984, p. 3).

Todavia, a morte de Clariberto, em 567, provavelmente colocou fim a qualquer esperança que Venâncio Fortunato pudesse ter pela preferência real em Paris. O poeta encontrava-se nessa fase de sua vida em uma delicada situação, pois tinha elogiado Sigiberto e Clariberto, que eram vistos por Chilperico como seus mortais inimigos. Assim, B. Brennan (1985b, p 61) sugere, devido aos fatos relatados acima, que este era o momento oportuno para ele peregrinar para o túmulo de São Martinho de Tours, viajando para o Sul, ou seja, para se ver longe das influências do poder de Chilperico.

Em Tours, o poeta teve a oportunidade de visitar os lugares sagrados associados com o culto a São Martinho; o clímax de sua experiência religiosa poderia ter sido uma aproximação com o túmulo do santo na basílica. Ali, Venâncio Fortunato conheceu o bispo Euphronius e pode ter sido esse prelado que o enviou à cidade de Poitiers e, conseqüentemente, para o convento fundado nessa cidade pela rainha Radegunda¹². Neste local fixou residência, apesar das inúmeras viagens até o final de sua vida, por volta do ano 600.

Em Poitiers, Radegunda edificou o monastério que mais tarde, quando recebeu do imperador Justino II de Bizâncio as relíquias¹³ da Santa Cruz, foi chamado “da Santa Cruz”. O monastério de Poitiers era muito grande e continha cerca de duzentas religiosas, sendo constituído basicamente por mulheres oriundas das famílias aristocratas galo-romanas ou francas (RABY, 1957, p. 135). Inicialmente, elas viviam sobre a regra de São Bento, mas, entre 570 e 573, Radegunda aprovou a regra elaborada por Cesário de Arles (PEJENAUTE, 2004b, p. 342-343).

Venâncio Fortunato chegou a Poitiers durante o episcopado de Pascentius¹⁴, a quem o poeta dedicou a *Vita Hilarii*¹⁵, cerca de 567/8. No momento de sua chegada em Poitiers, Radegunda estava em negociações com o imperador Justino II e a imperatriz Sofia de Bizâncio com o objetivo de conseguir que o mencionado imperador lhe enviasse algumas relíquias, especialmente alguns restos da Santa Cruz. Venâncio Fortunato celebrou com dois poemas a chegada das relíquias a Poitiers. Trata-se dos seguintes poemas: *De excidio Thoringiae* (*Carmina, Appendix, 1*) e de *Ad Artachim* (*Carmina, Appendix, 3*).

O poeta também escreveu um texto de agradecimento dedicado a Justino II e Sofia, todos datados do ano de 569. O envio da relíquia e dos poemas pode ter significância tanto política quanto religiosa, pois o poema de agradecimento para o imperador Justino II e para a imperatriz Sofia foi, sem dúvida, escrito com autorização de Sigiberto. Além disso, Justino II pode ter buscado a corte para usá-la como apoio em uma futura data, talvez contra os lombardos que tinham invadido o Norte da Itália (CAMERON, 1976, p; 59-60. *Apud*: BRENNAN, 1985b, p 62).

Obtida a relíquia da Santa Cruz e com o motivo de sua solene entronização, Venâncio Fortunato compôs sete poemas, recolhidos no início do livro II de seus *Carmina*. Alguns deles constituem-se em fervorosas manifestações espirituais do poeta¹⁶, outros puros artifícios formais¹⁷, os dois restantes constituem-se em hinos. Segundo Francisco Pejenaute (2002), esses trabalhos colocam o nome de Venâncio Fortunato na dilatada história da hinologia cristã, ambos ainda sendo recitados na

liturgia da Igreja católica até nossos dias. O primeiro, *Pange, língua, gloriosi proelium certaminis* (*Carmina*, II.2) e o segundo, *Vexilla regis prodeunt* (*Carmina* II.6).

Uma vez instalado definitivamente em Poitiers, no convento de Santa Cruz, a vida do poeta vai girar em torno do convento de Radegunda. Venâncio Fortunato passou a vida trabalhando ali como uma espécie de administrador. Ele parece referir-se a si mesmo em tal cargo (*Carmina*, XI, 4,3). Também em Poitiers, Venâncio Fortunato foi nomeado bispo, três anos após a morte de Radegunda, alguns anos antes de sua morte, ocorrida provavelmente no ano de 600.

A íntima conexão com o monastério de Santa Cruz é ilustrada pelo grande número de poemas escritos para a fundadora Radegunda e a abadessa Agnes. Esses trabalhos nos dão acesso a um mundo muito íntimo¹⁸. São poemas que revelam as últimas expressões do refinamento de uma espécie de um culto à amizade e à literatura que alguém fez como presente de cortesia. Assim, em Poitiers, melhor do que em Metz, Venâncio Fortunato encontrou uma sociedade, especificamente um mosteiro, mais adaptado às necessidades de sua natureza literária. Era um grupo de mulheres que se tornara por muitos anos uma audiência sempre pronta a ouvir seus versos (RABY, 1957, p. 138.).

Associado ao monastério de Santa Cruz, Gregório de Tours emergiu como o principal e mais consistente protetor de Venâncio Fortunato. Neste caso também, a longa e íntima familiaridade das duas personagens é refletida no grande número e na vasta variedade de poemas diretamente enviados para o bispo de Tours, trabalhos que se enquadram desde um panegírico formal até um grupo de curtas saudações¹⁹, motivo pelo qual J. George (1987, p. 201) apresentou uma divisão dos poemas em dois grupos: os que apresentam as qualidades de um “grande bispo pastoral” e os que apresentam a afeição pessoal do bispo. No primeiro grupo, ele é elogiado pelos trabalhos pastorais na cidade e pelos concílios da Igreja de que participou, sendo frequentemente qualificado como *pastor, parens e pater*²⁰. No segundo grupo, a afeição pessoal, consiste de uma gama de poemas de saudação, de congratulação, de resposta a convites, de agradecimento por presentes²¹, comumente escritos com tons amenos e afetuosos.

Acreditamos que Venâncio Fortunato se aliou ao novo bispo de Tours por dois motivos. Primeiramente, não era desconhecida a tradição de patronagem literária praticada pelo bispo de Tours²². Segundo, Gregório possuía ascendência de uma família aristocrata galo-romana que, como grupo, considerava o cultivo das letras como parte de um estilo de vida nobre. Tudo isso deve ter atraído Venâncio Fortunato que, posteriormente, também escreveu uma terceira *Vita Martini* entre os anos 573 a 576. O trabalho atraiu a atenção do bispo, tanto que, em uma data posterior a 576, Gregório pede um poema a Venâncio Fortunato, cujo tema seria a então recente conversão dos judeus de Clermont pelo primeiro professor de Gregório, o bispo Avitus (*Carmina* V.5).

Talvez o sucesso da *Vita Martini* tenha guiado Gregório a encorajar o poeta a colecionar seus poemas, pois Venâncio Fortunato dedicou a coleção a Gregório. Acredita-se que Venâncio Fortunato publicou sucessivamente os livros I a VIII próximo do ano de 576, o livro IX em 584 ou 585, o livro X depois de 591. Já o livro XI e o *Appendix* parecem formar uma coleção póstuma²³.

A morte de Sigiberto, em 575, segundo Gregório de Tours (BURY, s.d.. p. 120) por emissários de Fredegunda²⁴, pode ter se tornado um fator adicional que influenciou o poeta a buscar a patronagem do metropolitano de Tours, visto que, tanto Venâncio Fortunato quanto Gregório de Tours eram intimamente associados à corte de Sigiberto. Porém, com a morte de Sigiberto, qualquer esperança, por parte do poeta, de uma ascensão na corte teria chegado ao fim. Desse modo, um íntimo e apreciativo patrono episcopal poderia ter tomado o lugar dos círculos da corte.

A patronagem de Gregório para com Venâncio Fortunato resultou como presente, do bispo para o poeta, uma casa de campo com terras próximas a Viena, e foram lembradas em dois poemas do livro VIII (*Carmina*. VIII. 19.3-6 e VIII. 20), evidências que se encontram em uma segunda coleção endereçada *ad diversos*. O prefácio desta segunda coleção e as primeiras composições poéticas do livro VIII evidenciam que os principais temas são a promoção de Radegunda e de seu monastério.

A íntima associação com Radegunda e Agnes não era de nenhum modo incompatível com a patronagem oferecida por Gregório de Tours. Nesse sentido, as amizades que cultivou já instalado em Poitiers, notoriamente com Leonitus II de Bordeaux, Feliz de Nantes e o próprio Gregório de Tours, refletem a continuada importância da patronagem episcopal para sua carreira (COATES, 2000, p. 1113.). No que tange especificamente às relações entre Radegunda e Gregório, Venâncio Fortunato poderia agir como uma ponte entre o convento e o bispo de Tours.

Podemos acentuar três principais ocasiões – 580, 588 e 589 – em que Venâncio Fortunato agiu em concordância com seu patrono, Gregório de Tours, em um exercício de diplomacia para conseguir fins específicos. Em cada ocasião, a mensagem dele era refinada e complementada por outras atitudes tomadas pelo bispo de Tours. Em 580, a absolvição em seu julgamento²⁵; em 588, o vínculo de boas relações com o jovem rei Childeberto II e Brunilda²⁶; em 589, o restabelecimento da imunidade dos impostos a Tours (*Carmina*, X,11). Nesse período também há duas consolações e dois epitáfios enviados pelo poeta a Chilperico e Fredegunda, pela morte de seus filhos (*Carmina IX*, 2;3;4 e 5).

O relacionamento entre Gregório e Venâncio Fortunato estendeu-se até a década de 590. Contudo, pouco sabemos sobre Venâncio Fortunato após a década supracitada, mas seus últimos poemas indicam um envolvimento com Gregório de Tours. Um deles foi o poema (X. 14) em que celebrou a consagração de Platô, arcediácono de Gregório, como bispo de Poitiers, em 592. Quando Platô morreu pouco tempo depois, ainda na década de 590, o próprio Venâncio Fortunato torna-se o bispo da cidade, o que indica que até mesmo estrangeiros poderiam ser consagrados bispos (BRENNAN, 1985a, p. 145-161).

Seu episcopado permanece totalmente obscuro. B. Brennan (1985b, p 78) sugere que a nomeação de Venâncio Fortunato ao ofício de bispo deveu-se à influência de Gregório junto ao rei Childeberto II. O mesmo autor também insinua que Venâncio Fortunato tornou-se bispo em 594, o ano em que Gregório morreu. Foi com essa opacidade episcopal que o poeta italiano, que buscou fama e reconhecimento na Gália merovíngia,

com base em sua arte, terminou seus dias como bispo de Poitiers. Durante a Idade Média veio a ser venerado como um santo (GAIFFIER, 1952, p. 262-84. *Apud*: BRENNAN, 1985b, p 78).

De forma geral, os poemas dedicados aos reis, aos bispos e à nobreza nos oferecem certos interesses, valores e ambições de tais grupos de pessoas, sublinhando suas individualidades, bem como a reação do poeta a tudo isso. Ou seja, por meio das obras de Venâncio Fortunato, caracterizado pelos críticos²⁷ como “poeta de ocasião ou de circunstâncias”, podemos ver um outro mundo, diferente daquele construído pelo seu amigo Gregório de Tours, uma vez que não era um historiador que julgou os acontecimentos, mas um poeta que estava endereçando poemas a escol merovíngia. Dessa forma, para se compreender a diferença entre os quadros oferecidos por Gregório de Tours e Venâncio Fortunato, é necessário considerar a concepção que este último fazia de poesia. M. Reydellet (1981, p. 298) afirma que, embora não tenha deixado registrado, o poeta compreendia que a literatura tinha um papel social e ornamental, apesar de também ressaltar que Venâncio não tinha por objetivo ser um poeta político e se o foi em alguns momentos, isso ocorreu de forma secundária.

Os poemas de Venâncio Fortunato eram parte do mundo do século VI – eles eram lidos em grandes ocasiões da Igreja e do reino franco ou inscritos em paredes como monumentos públicos. Eles representam uma rica fonte do período, se o pesquisador estiver preparado para admitir as restrições do gênero e levar isso em conta quando utilizar o material. O trabalho de Venâncio Fortunato contém, fundamentalmente, uma riqueza de informações sobre a construção da imagem pública das elites da sociedade merovíngia, para ambos os grupos, francos e galo-romanos, todos lisonjeados em ter seus nomes e suas carreiras retratadas pelo poeta italiano. Esses trabalhos proporcionam-nos um tipo de evidência sobre indivíduos que não podem ser encontrados em qualquer outra fonte. Consequentemente, o poeta salvou do esquecimento numerosos personagens de segundo plano, contribuindo para aumentar nosso conhecimento sobre o mundo merovíngio (REYDELLET, 1981, p. 297).

Porém, precisamos nos conscientizar de que tais evidências devem ser usadas com cuidado, e reconhecer suas limitações. Assim, é importante, por exemplo, ter suficiente material diretamente comparável em mãos para distinguir com racionalidade certas fórmulas brutas ou caracterizações, em termos literários ou sociais, para a resposta original a respeito de um indivíduo particular. Dentro dessas limitações, contudo, os trabalhos de um escritor como Venâncio Fortunato podem nos oferecer valiosos discernimentos sobre as atitudes, ambições e outras imagens de seus contemporâneos, ou como destacou M. Reydellet (1981, p. 297), para a Gália do VI século, Venâncio Fortunato foi uma testemunha tão importante quanto Gregório de Tours. Certamente seus trabalhos não nos oferecem tantas informações sobre os eventos quanto os *LH* de Gregório de Tours, mas o poeta é uma fonte preciosa para a história desta sociedade.

Vale destacar também que, por mais que a Gália tivesse conhecido, nos séculos anteriores ao VI, uma gama de eruditos nas letras latinas como Ausônio (século IV),

Símmaco (segunda metade do século IV) e de seu admirável círculo, como Hilário de Poitiers (século IV), como Sidônio Apolinário (segunda metade do século V), um Alciono Avito (século V) e, já entre os séculos V e o VI de um Ennodio (473-521), entre outros, no século VI, especificamente, na segunda metade, com exceção de Venâncio Fortunato e Gregório de Tours, não encontramos mais nenhum nome de destaque no âmbito literário merovíngio (BURY, J. B., *et. al.*. *Op. Cit.*, p. 156-158). F. Lot (2006, p. 209) chega, inclusive, a qualificá-lo como o melhor poeta do século VI.

Assim, acreditamos que Venâncio Fortunato pode ser considerado como um dos melhores representantes da época clássica tardia que se finda e, concomitantemente, o anunciador de uma nova época que se principia. Evidentemente, não estamos apenas nos referindo a Gália merovíngia, pois fixamos nossa atenção no que denominamos de “época tardia latina”, detentora de um admirável, tanto em número quanto em qualidade, grupo de poetas do século IV (tais como: Optaciano, Reposiano, Tiberiano, Ausonio, Nemesiano, Avieno, Juvenco, Prudêncio, etc.), do século V (tais como: Claudiano, Aviano, Rutilio, Namatiano, Flávio Merobaudes, Sidônio Apolinário, Draconcio, Sedulio o Alcimo Avito, etc.) e do século VI (além de Venâncio Fortunato, somente podemos mencionar a Flavio Cresconio Coripo, Arator e a Maximiano o Etrusco).

Desse modo, as informações que chegaram até nós permitem-nos, pois, assegurar que a passagem do “mundo” Clássico-Tardio para a Idade Média, ao menos no que se refere ao âmbito da poesia latina, está devidamente representada com o mais legítimo dos direitos por Venâncio Fortunato, um autor com ampla obra, visto que seus *Carmina* reúnem no total onze livros, divididos em duzentos e trinta poemas e um generoso *Appendix*²⁸ (com trinta e quatro poemas), sendo preciso incluir a *Vita Sancti Martini*, obra composta em hexâmetros, dividida em quatro livros.

Bibliografia:

Documentos:

- GREGORIO DE TOURS. *Historia Francorum.*, ed. W. Arndt, *Scripotes rerum merovingicarum I*, Fasc. I (Livros I-V), 1937; Fasc. II (Livros VI-X), 1885.
- VENANCE FORTUNAT, *Vie de Saint Martin* (texte établi et traduit par Solange Quesnel). Paris: Les Belles Lettres, 1996, I.29-30
- VENANTIUS FORTUNATUS. *Opera poetica.* ed. LEO, MGH,AA IV/1, Berlim, 1881.
- VENANTIUS FORTUNATUS. *Opera pedestria*, ed. Krusch, MGH, AA IV/2, Berlim, 1885, pp V-XI (prooemium); 1-7 (*Vita s. Hilarii* com 7-11 *Liber de virtutibus s. Hilarii*); 11-27 (*Vita s. Germani*); 27-33 (*Vita s. Albini*); 33-37 (*Vita s. Paterni*); 38-49 (*Vita s. Radegundis*); 49-54 (*Vita s. Marcelli*).
- FORTUNATUS, Venantius. *Vita S. Martini*, ed. Leo, MGH AA 4.
- FORTUNAT, Venance. *Vie de Saint Martin* (texte établi et traduit par Solange Quesnel). Paris: Les Belles LETTRES, 1996, I.29-30
- PAULO DIÁCONO. *Historia Langobardorum II.13.* ed. L. Bethamann e G. Waitz, MGH, SRL,1878.

Referências Específicas:

- BRENNAN, Brian. "Senators and social mobility in sixth-century Gaul". In *Journal of Medieval History*, n. 11, 1985a, pp. 145-161.
- _____. "The Career of Venantius Fortunatus". In: *Traditio*, s.l. XLI, 1985b, pp.49-78.
- _____. "The image of the Frankish Kings in the poetry of Venantius Fortuantus". In: *Journal of Medieval History*, 10, 1984, pp. 1-11.
- _____. "Venantius Fortunatus: Byzantine Agent?" In: *Byzantion*. 65, 1995, pp. 7-16.
- BURY, J. B. *et al. The Cambridge Medieval History. Volume II: The rise of the Saracens and the Foundation of the Western Empire.* London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, s.d.
- COATES, Simon. "Venantius Fortunatus and the Image of Episcopal Authority in Late Antique and Early Merovingian Gaul". In: *The English Historical Review*, V. 15, n. 464, nov. 2000, pp. 1109-1137.
- FREZ, Amancio Isla. "Los reinos barbaros y el papado entre los siglos VI y VII". In: *De la Atntigüedad al Medievo: siglos IV-VIII. III Congresso de Estudos Medievales.* sl: Fundacion Sanchez-Albornoz, s.d. pp. 65-89.
- GEARY, Patrick J. *Before France and Germany.* New York; Oxford: Oxford University Press, 1988.
- GEORGE, J. W. *Venantius Fortunatus: A Latin Poet in Merovingian Gaul.* Oxford: Clarendon Press, 1992.
- _____. *Venantius Fortunatus: Personal e Political Poems.* Liverpool: Liverpool University Press, 1995.
- _____. "Portraits of two Merovingian bishops in the poetry of Venantius Fortunatus". In: *Journal of Medieval History*, s. l. n.13, 1987, 189-205.

- _____. “Poet as Politician: *Venantius Fortunatus*’ panegyric to King Chilperic”. In: *Journal of Medieval History*. n.15, 1989, pp. 5-18.
- LE JAN, R. *Les Mérovingiens*. Paris: Puf, 2006.
- LEWIS, Archibald R. “The Dukes in the Regnum Francorum, A.D. 550-751”. In: *Speculum*, v. 51, n. 3, pp.381-410, jul. 1976.
- LOT, Ferdinand. “Em que época se deixou de falar latim?”. In: *Signum*. n. 8, 2006, pp. 191-260.
- PEJENAUTE, Francisco. “Em los confines de la romanidade: Venâncio Fortunato, um escritor de fronteira”. *ARCHIVUM*, Oviedo, L-LI, pp, 383-427, 2002.
- _____. “Venancio Fortunato y su marcha de Italia: las debatidas razones de un viaje sin retorno”. In: *Revista Helmántica*. Salamanca, n. 167, pp. 189, 223, maio/ago, 2004a.
- _____. “Cuatro notas a las Vidas de santa Radegunda escritas por Venancio Fortunato y Baudonivia”. In: *Memoria Ecclesiae*, Oviedo, XXV, pp. 333-356, 2004b.
- RABY, F. J. E. “Gália: Venâncio Fortunato, A. D. 540-c.600”. In: IDEM. *A History of Secular Latin Poetry In the Middle Ages*. Oxford: Clarendon Press, 1957, pp 127-142.
- REYDELLET, M. “Fortunat et la vision poétique de la royauté mérovingienne”. In: IDEM: *La royauté dans la littérature latine de Sidoine Appollinaire à Isidore de Seville*. Paris: École française de Rome, 1981, p 297-344.

¹ FORTUNATUS, Venantius. *Vita S. Martini*, ed. Leo, MGH AA 4. Doravante trataremos a mesma como VM

² As lutas entre romanos e godos tornaram-se ainda mais complicadas pela entrada dos francos dentro desta disputada região. Os francos, cuja ajuda tinha sido angariada pelo imperador Justiniano contra os godos, em 539, através de uma política em que a mudança de lados era constante, traíram tanto os bizantinos como os godos, trazendo uma parte superior da Itália para seu controle. Cf: GEARY (1988, p. 118); veja também: FREZ (s.d. p. 72-4).

³ Uma outra evidência que descaracteriza a afirmação de uma possível estadia em Aquiléia é proporcionada pelo próprio Venâncio Fortunato que, escrevendo entre 573 e 576, descreve sua casa em Duplanevis. Neste momento, ele está sob domínio lombardo e sugere que sua família ainda vivia ali. Felix, um amigo de Venâncio Fortunato desde os tempos de juventude, havia voltado a Treviso para estudar em Ravena, e o poeta exorta seu amigo a encontrar sua família e seus amigos (VM, 4.665-71). Assim, concordamos com Brennan (1985b, p. 51), que argumenta uma continuada residência da família de Venâncio Fortunato próximo a Treviso. Se a família deixou essa região, o poeta não faz nenhum registro disso.

⁴ Vitalis de Altinum pode ter sido o primeiro patrono de Venâncio Fortunato (Cf: KOEBNER, 1915, p.125. Apud: BRENNAN, 1985b, p 58).

⁵ O reino franco oriental, governado entre os anos de 561-575.

⁶ O reino franco ocidental, governado entre os anos de 561-584.

⁷ *Carmina* VI, 1. Uma composição na qual Sigiberto e Brunilda são, inevitavelmente, conciliados pelos designios do Cupido e de Vênus, ou seja, um texto carregado de menções clássicas

⁸ *Carmina* VI, 1a. Uma composição que trata cuidadosamente da passagem da princesa ariana para o cristianismo católico. Cabe destacar que a palavra panegírico deve ser entendida de forma mais ampla, pois nenhum dos poemas de Venâncio Fortunato pode ser comparado, tanto em estilo quanto em conteúdo, aos panegíricos de Cláudio e/ou Sidonio. Sobre essa discussão veja: REYDELLET (1981, p 305-06).

⁹ Encontramos um levantamento e uma discussão de tais causas que levaram Venâncio Fortunato a uma viagem à Gália em: PEJENAUTE (2004a).

¹⁰ Além dos supracitados encontramos nas obras de Venâncio Fortunato menções de outros oficiais durante a longa estadia na Gália. Para ver a relação completa consulte: LEWIS (1976, p. 386), especialmente nota de rodapé n. 21.

¹¹ Nessa composição, Venâncio Fortunato destaca a afeição de Clariberto dedicada a Ultrogoda, sua tia e viúva de Childeberto I, e a seus dois primos.

¹² Ex-mulher do rei Clotário. Ela é uma personagem de alto relevo na época merovíngia, figurando entre as grandes senhoras, como Clotilde (esposa de Clóvis), que formam e desenvolvem as estruturas do monacato feminino.

¹³ Cf: LE JAN (2006, p. 71), enriquecidos por doações, os mosteiros procuravam guardar as relíquias mais prestigiadas, como esta adquirida por Radegunda que, concomitantemente, aumentava seu esplendor espiritual e concorria com os centros religiosos rivais.

¹⁴ Pascentius: antes de ser promovido para o episcopado havia sido o abade do mosteiro de santo Hilário Cf: GREGÓRIO DE TOURS. *Decem Libri Historiarum*. 4.18 .Doravante referiremos a esta obra como *LH*.

¹⁵ FORTUNATUS, Venantius. *Vita S. Hilarii* 1 MGH AA 4.2.1. Doravante referiremos a esta obra como *VH*.

¹⁶ Especialmente os poemas 1 e 3.

¹⁷ Os poemas 4, 5 e 5a.

¹⁸ Como os poemas onde Venâncio Fortunato agradece as monjas por obséquios enviados a ele, no XI. 8 agradece pelas flores enviadas. Ou mesmo as lamentações ou impedimentos por não poder vê-las, como no *Appendix* 18, cuja regra do mosteiro impede que ele participe do aniversário de Agnes. Em alguns poemas, Venâncio Fortunato revela a manifestação de sentimentos afetivos para com as monjas, como o XI. 2, no qual Radegunda é caracterizada como mãe. Ou o XI. 3, em que Agnes é chamada de irmã, *et passim*.

¹⁹ *Carmina*: I,5; II,3; V,3; V,8; V,17; VIII,11; VIII,21; IX,6; IX,7; X,6; X,8; X,11; X,12. Apenas para citarmos alguns.

²⁰ Como exemplo citamos o poema V.8.1

²¹ Tais como peles próprias para a fabricação de sapatos (VIII.22) e mudas para seu jardim (V.13)

²² Visto que seus predecessores haviam comissionado poemas em conexão com a propagação do culto de são Martinho. Como exemplos, podemos citar as duas primeiras hagiografias deste santo, a escrita por Sidonio Apolinário e a de Paulinus de Périgueux.

²³ Cf: Lejay Paul. *Op. cit.* Disponível em <<http://www.newadvent.org/cathen/06149a.htm>>. Acesso em 08/10/13, p. 2

²⁴ Segunda esposa de Chilperico.

²⁵ *Carmina* IX.1. Aqui Chilperico, em 580, convocou Gregório para sua casa de campo em Berny-Rivière, para defender-se em um julgamento diante de um concílio, pois ele sofria uma violenta oposição de Riculf o qual, alegando ilegitimidade, pretendeu removê-lo para ganhar a sé para si.

²⁶ Cinco poemas de Venâncio Fortunato talvez registrem uma visita de Gregório e do poeta a Metz: X.7, X.8, e X.9. Os outros dois poemas de saudação a Childeberto II e Brunilda são encontrados no apêndice: *Appendix* V-VI. Salienta-se, conforme M. Reydellet (1981, p.303), que Childeberto II só aparece nos poemas de Venâncio Fortunato após este ter o poder em mãos.

²⁷ Podemos citar, segundo GEORGE (1989, p. 5-6), entre tais autores: DILL, S. *Roman society in Gaul in the Merovingian ages*. London: s.e., 1926; MEYER, W. *Der gelegheitsdichter Venâncio Fortunato Abhandlungen der Königlichen Gesellschaft der Wissenschaften in Göttingen, philhist.* Berlin: s.e., 1901; KOEBNER, R. *Venâncio Fortunato: seine Persönlichkeit und seine Stellung in der geistigen Kultur des Merowingerreiches. Beiträge zur Kulturgeschichte des Mittelalters und der Renaissance* 22. Leipzig:n.e., 1915; MOOS, P. Von. *Consolatio; Darstellung*. München: s.e., 1971; REYDELLET, M. *Op. cit.* 1981.

²⁸ Cabe destacar que nem os *Carmina* com o *Appendix*, nem os poemas contidos em cada seção estão em ordem cronológica.